



Eixo: Questão agrária, urbana, ambiental e Serviço Social.

Sub-eixo: Ênfase na questão ambiental.

OS CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS E TERRITORIAIS DE RESISTÊNCIA EM BARCARENA: ATORES, RELAÇÕES DE PODER E EXCLUSÃO SOCIOESPACIAL

EUNÁPIO DUTRA DO CARMO¹

Resumo: Este trabalho analisa conflitos socioambientais envolvendo tensões, desastres, saúde ambiental e mobilidade do capital em Barcarena no contexto de ampliação da reestruturação produtiva agenciada pelas empresas transnacionais da mineração e empreendimentos de infraestrutura que atuam no município. Partindo do entendimento que atualmente o município é recortado por disputas territoriais, analisa-se como e em que medida esses processos de aprofundamento de exclusão socioespacial e injustiça ambiental estão relacionados à expansão dos processos de produção mineral. Para tanto, lançou-se mão das observações e entrevistas da pesquisa de campo realizada no município, como também na participação de oficinas. Desta forma, percebeu-se que a intensa mobilidade do capital e os investimentos diretos em infraestrutura, ao mesmo tempo, em que há movimentos crescente de resistência, protagonizada por grupos sociais e comunidades tradicionais.

Palavras-chave: Conflitos socioambientais; Mobilidade do Capital; Comunidades Tradicionais e Saúde ambiental.

Abstract: This paper analyzes social and environmental conflicts involving tensions, disasters, environmental health and capital mobility in Barcarena in the context of the expansion of the productive restructuring promoted by the transnational companies of mining and infrastructure projects that operate in the municipality. Based on the understanding that the municipality is currently cut by territorial disputes, it is analyzed how and to what extent these processes of deepening socio-spatial exclusion and environmental injustice are related to the expansion of mineral production processes. In order to do so, we made use of the observations and interviews of field research carried out in the municipality, as well as the participation of workshops. In this way, it was perceived that the intense mobility of capital and direct investments in infrastructure, at the same time, there are increasing movements of resistance, carried out by social groups and traditional communities.

Keywords: Social-environmental conflicts, Capital mobility, Traditional communities and Environmental health.

INTRODUÇÃO

A crescente industrialização e a acelerada intervenção da plataforma de infraestrutura e logística no município de Barcarena², atendendo às exigências rentistas da lógica de reprodução do capital, têm gerado desastres com

¹ Professor com formação em outras áreas. Universidade Federal do Pará. E-mail: <eunapiodocarmo@gmail.com>

² O município de Barcarena, localizado na mesorregião Baixo Tocantins, está a 40 km de Belém, capital do Estado do Pará, ocupando uma área de 401 Km².

impactos diretos nas condições de vida da população no município. São desastres irreversíveis e irreparáveis que originam novas dinâmicas sociais de exclusão e de dependência, como também ampliam e acirram tensões pela disputa territorial seja para garantia da mobilidade do capital, seja para garantia da imobilidade de comunidade e grupos sociais de marcadores identitários diferenciados. Este trabalho parte deste contexto para analisar os processos sociais em curso no município, decorrentes deste cenário de injustiça ambiental, reatualizando o campo de investigação que possui uma tradição de análise sobre grandes projetos na Amazônia e que hoje assume a conotação de megaprojetos de mineração e infraestrutura. Trata-se de reatualizar o debate sobre as transformações oriundas, simultaneamente, da mobilidade do capital e dos planos governamentais de integração nacional, compreendidos como processos socioeconômicos e políticos geradores de transformações abruptas. Desta forma, cabe capturar aspectos híbridos de mudanças, a exemplo, do neo-extrativismo na perspectiva da reatualização e reconfiguração do extrativismo como paradigma de desenvolvimento (GUDYNAS, 2012)³ e a permanência das estruturas de injustiça e racismo ambiental verificadas nas relações de poder hierarquizadas no espaço que acionam disputas territoriais (CARMO, CASTRO e PATRÍCIO, 2015; MILANEZ e SANTOS, 2013).

Tais processos, em muitos casos, são resultados, por um lado, da ampliação dos mercados acionados pelos agentes econômicos e, por outro lado, da ação dos segmentos sociais e poder público diante deste cenário, na medida em que, todos os envolvidos querem manter o seu território no município. Assim, atribui-se ao território a condição de espaço que é construído pelas relações sociais (SANTOS, 1996), envolvendo diversos e diferentes grupos sociais que socioespacializam seus interesses através de dinâmicas próprias, exercendo estratégias de poder a fim de garantir a prioridade de suas atividades e projetos. Portanto, o território pressupõe disputa, conflito, negociação, assimetria, cooptação, reveladores do grau de superposição,

³ O debate sobre neo-extrativismo é marcado pela realidade na América Latina com “redes produtivas pouco diversificadas e na inserção internacional subordinada” (MILANEZ e SANTOS, 2013) e foi alavancada por um grupo de pesquisadores e militantes sociais e políticos. Dentre eles, destaca-se Eduardo Gudynas, pesquisador e analista do Analista do CLAES (Centro Latino Americano de Ecologia Social)

desigualdade e complementariedade num intrincado campo de forças, reveladores da complexidade socioeconômica e política presente em municípios amazônicos, como se constata em Barcarena.

Este artigo se constitui como resultado (1) da retomada de pesquisas no período de 2014-2016 após a apresentação da tese que examinou o encontro-choque de empresas e comunidades em Barcarena (CARMO, 2010), e (2) participação dos desdobramentos dos seminários sobre desastres da mineração ocorridos em fevereiro e maio de 2016⁴. Todas essas experiências em curso impõe o desafio da reflexão crítica como imperativo político diante do complexo contexto vivido em Barcarena que se juntam aos complexos contextos nacionais e internacionais. Para retratar essas questões, o artigo foi estruturado em introdução como enfoque geral do trabalho. Em seguida, é feita uma análise das tensões em Barcarena e seus fluxos de disputas com avanço da mobilidade do capital para, posteriormente, no terceiro item, tratar sobre os desastres socioambientais como avançados processos de racismo e injustiça ambiental. Logo após, são apontados o sofrimento humano e impacto à saúde ambiental como uma das principais consequências destes processos e as formas de resistências que estão sendo tramadas.

1. MOBILIDADE DO CAPITAL E TENSÕES SOCIAIS EM BARCARENA

A expansão das empresas mineradoras, o avanço do agronegócio e a malha de logística (transporte, energia e comunicação) compõem a atual cena em Barcarena. Soma-se a isso, a maciça presença de empreendimentos

⁴ Os Seminários da Mineração tiveram como objetivo problematizar os desastres da mineração nos municípios de Barcarena (PA) e Mariana (MG) e suas consequências para as populações e sociedade. A promoção foi do Grupo de Estudo sobre Estado, Território, Trabalho e Mercados Globalizados na Amazônia (GETTAM/UFPA), do Laboratório de Pesquisas e Práticas Sociais na Amazônia (LABPSAM/UFPA) e do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE) e, especialmente, dos movimentos sociais em atuação nas duas cidades. O primeiro Seminário, realizado em Belém, contou com a presença de entidades, professor-pesquisadores, lideranças sociais e movimentos sociais. Seu ponto alto foi à indignação com a recorrência dos desastres que ignoram leis ambientais e os processos de denúncia, promovidos pela sociedade civil organizada. Resultado da agenda de intervenções, o segundo Seminário ocorreu em Barcarena e foi marcada pelos depoimentos das vítimas dos desastres, bem como pela necessidade de reforçar a organização política dos grupos e movimentos que vêm se articulando com intuito de construir amplas redes de resistência.

nacionais e internacionais que insere o município na geopolítica mundial por se tratar de um entreposto de produção econômica e logístico para a economia mundial de comercialização de bens primários, vetor estratégico para a mobilidade do capital.

Considerada como vital para a alta competitividade, a infraestrutura logística é imprescindível para os negócios internacionais na medida em que os preços de venda dos produtos apresentam uma margem mínima de flexibilidade e os custos totais evidenciam-se como fator estratégico para tomada de decisão, logo a observação de fatores exógenos é fundamental, dentre eles destaca-se a infraestrutura de transporte e estoque. Isso vem impondo às empresas transnacionais novos modelos de gestão e relações de trabalho (CARMO, 2000), novas habilidades de negociação, comercialização, ampliação de mercados e requer agilidade para que espaço-tempo sejam vencidos num menor período por plataformas de logística e transporte adequados à atual exigência do mercado capitalista, quando se faz necessário articular os mais diversos espaços, formando uma rede mundial de trocas desiguais (Nogueira, 1999) que e atenda o alinhamento de eficiência, como vetores para efetividade da mobilidade do capital.

As novas cadeias produtivas impuseram, assim, o surgimento de novas logísticas de abastecimento e de escoamento por meio da utilização mais intensiva dos contêineres e do transporte multimodal (BARAT, 2011). Essa nova configuração tempo-espaço é determinada pelos mercados globais e possuem 4 (quatro) pressupostos fundamentais: queda das barreiras espaciais; operacionalização dos lugares-globais; livre movimentação de capitais; e fluxos cruzados de produção (VIEIRA E VIEIRA, 2004). Ao mesmo tempo, também são importantes a distinção entre lugar-local e lugar-global: enquanto o primeiro é o território organizado, herdado, dotado de história-identidade, o segundo pressupõe o espaço produtivo, que foi globalizado, representa a sede da ação (VIEIRA E VIEIRA, 2004). Na Amazônia, considerada fronteira de recursos e marcada pelos investimentos internacionais, a geoestratégia da economia global vem sendo implementada com arranjos financeiros e plataforma de infraestrutura logística e portuária com sérios riscos ambientais (CASTRO,

2001). Alguns municípios, como é o caso de Barcarena, atendem a dinâmica dos lugares-globais e são palcos de novas prioridades em infraestrutura, o que implica em formação de novas estruturas de poder e redes no território.

Diante das dinâmicas que estão sendo impostas ao município de Barcarena são delineadas novas territorialidades bem mais complexas, redefinindo o território-rede. Portanto, os múltiplos territórios de Barcarena protagonizado pelos seus diversos atores sociais, expressam as diferentes forças de apropriação que se atualiza a medida que novas possibilidades de uso são estratégicas para os projetos e atividades desses atores sociais. Neste sentido, o território se apresenta como “espaço onde se exercem poderes, inscrevem-se projetos, exprimem-se estratégias de atribuição de valor e se afrontam os interesses contraditórios dos diferentes atores” (FIRKOWSKI e SPOSITO, 2008, p. 9). O quadro Agendas e Estratégias de Empresas Transnacionais e Comunidades Tradicionais apresenta características dos atores que disputam o território.

AGENDAS E ESTRATÉGIAS DE EMPRESAS TRANSNACIONAIS E COMUNIDADES TRADICIONAIS

EMPRESAS TRANSNACIONAIS	COMUNIDADES TRADICIONAIS
Território como vetor capital produtivo e vetor estratégico	Território como existência humana e memória social e afetiva de antepassados
Racionalidade pela via econômico-financeira	Racionalidade pela via cultural e ambiental
Atores econômicos: empresas de mineração e de infra-estrutura logística e portuária	Atores sociais: populações ribeirinhas, caboclos, quilombolas, pequenos agricultores e pescadores
Natureza como recurso econômico	Natureza como extensão da própria vida
Tempo e espaço agenciados pela dinâmica econômica	Tempo e espaço agenciados pelos códigos e saberes do ecossistema
Mobilidade espacial das atividades industriais	Mobilização e lutas sociais para (re)existência
Atuação nas escalas lugar-global	Atuação na escala lugar-local
Valores centrados no etnocentrismo	Valores culturais centrados na tradição dos povos da floresta
Ideologia da modernização	Ideologia do bem estar coletivo
Domínio de atuação pela produtividade do capital	Resistência para garantir o direito à terra e preservação do meio-ambiente
Organização produtiva com foco na eficiência e competitividade	Organização sociopolítica como foco no enfrentamento das tensões e desastres permanentes

Agenda econômica priorizada pelo Estado	Agenda social em disputa junto ao Estado
---	--

Fonte: Autor, 2017

Nessa lógica, as relações de poder e o jogo político engendradas em Barcarena acionam as estratégias dos atores envolvidos num contexto de expansão da malha da infraestrutura logística para conectar processos locais às cadeias de produção mundial. Essas intervenções travadas pelos atores no campo político e econômico coloca o município de Barcarena em mutação permanente e, nos últimos cinco anos, essas mudanças vêm afetando as lógicas das relações políticas, sociais, econômicas, culturais e as condições de saúde, reatualizando o debate sobre o tema em outros tempos e espaços sociais. O quadro revela as formas de atuação no território de Barcarena e o ambiente de conflito envolvendo empresas transnacionais e comunidades tradicionais que possuem interesses e valores divergentes e numa visão ampliada são emblemáticos para entendimento do campo de conflitos socioambientais no Brasil

O caráter das intervenções socioeconômicas em Barcarena não é homogêneo e se expressa nas ações do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), o qual tem viabilizado uma agenda de programas para o município, iniciada em 2010, que vem sendo implementada com maior intensidade a partir de 2012, com projetos em desenvolvimento como hidrovias, ferrovias, hidrelétrica, além da ampliação do Porto de Vila do Conde. Essas ações articuladas, por um lado, garantem o território de mineração responsável pela exportação de produtos minerais para o mercado internacional que, por sua vez, gera divisas para a balança comercial brasileira, mas, por outro, geram desastres socioambientais e impactam a saúde das comunidades locais, quando aumentam a exposição aos riscos ambientais e determinam, como consequência, agravos à saúde, através da produção social das desigualdades, as quais geram iniquidades em saúde. Em todos os casos, assiste-se o aprofundamento da injustiça ambiental.

2. DESASTRES SOCIOAMBIENTAIS E INJUSTIÇA AMBIENTAL

Nos últimos anos, importantes entidades acadêmicas têm se ocupado em investigar os desastres socioambientais em Barcarena na perspectiva de registrar a recorrência, a densidade e a gravidade dos desastres para as populações e comunidades locais e tradicionais. Dentre as instituições, pode-se destacar: Escola Nacional de Saúde Pública, Instituto Evandro Chagas e Laboratório de Química Analítica e Ambiental da Universidade Federal do Pará (UFPA)⁵. Com ampla tradição na área de descrição e avaliação, os trabalhos dos pesquisadores destas instituições e dos seus grupos de pesquisa têm apontado para o seguinte diagnóstico: a produção de externalidades negativas (desastres socioambientais) é inerente ao tipo de economia poluente e de commodities como são a produção de alumínio e de caulim presentes em Barcarena com baixa repercussão para o entorno social, portanto são processos ambientalmente sujos com nível elevado de contaminação prejudicial às populações locais e comunidades tradicionais por alterarem significativamente os modos de vida destes grupos, onde saúde, ambiente e cultura compõe e (i) materializa a vida na floresta.

O município Barcarena representa este campo em que tensões e desastres compõem o cotidiano. De acordo com os dados do DNPM (Departamento Nacional de Produção Mineral), o município está localizado numa das regiões do país com barragens de mineração com alto risco. Da mesma maneira como ocorreu em Mariana (MG)⁶, estão em atividades em Barcarena um conjunto de operações na área de mineração que sinalizam para a ocorrência de desastres. São elas: “a manutenção deficiente das estruturas de drenagem; ausência de monitoramento contínuo e controle durante construção e operação; crescimento das barragens sem adequados

⁵ As entidades aqui mencionadas são públicas e atuam como promotoras de conhecimento a serviço do cidadão brasileiro. Com autonomia e inovação na área científica, essas entidades têm conseguido desenvolver análises críticas sobre o atual processo de Barcarena. No caso da UFPA, em que pese a disputa política sobre o caráter político de sua atuação, há grupos de pesquisa com elevado compromisso ético-social que articulam este debate e assessoram os movimentos de resistência em Barcarena.

⁶ Em novembro de 2015, o município de Mariana (MG) sofreu o maior desastre socioambiental do Brasil. Uma das bacias de rejeitos da Samarco se rompeu e provocou o vazamento de aproximadamente 70 milhões de metros cúbicos de lama de ferro. Esta tragédia resultou em 17 mortes, mais de mil pessoas desabrigadas, destruição de vilarejos (Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo) e contaminou os rios Gualaxo do Norte, Carmo e Doce, além de se prolongar para os outros municípios de Minas Gerais e o estado de Espírito Santo (Porto, 2016).

procedimentos de segurança; a sobrecarga a partir de rejeitos de mineração” (FREITAS, SILVA e MENEZES, 2016). Em que pese o licenciamento ambiental aprovado para este tipo de atividade mineral, observa-se um conjunto de aspectos de injustiça ambiental no lugar-local onde os empreendimentos são instalados, seja na perspectiva de acesso desigual aos recursos naturais, seja ainda, e neste caso mais presente, proliferação de desastres com impactos que afetam apenas a populações vulneráveis, não havendo desdobramento para as empresas transnacionais que conseguem jurídica e politicamente formas hábeis de proteção. O que Acselard aponta como como injustiça ambiental para o coletivo da sociedade: “(...) entende-se por injustiça ambiental a condição de existência coletiva própria a sociedades desiguais onde operam mecanismos sociopolíticos que destinam a maior carga dos danos ambientais do desenvolvimento a grupos sociais de trabalhadores, populações de baixa renda, segmentos raciais discriminados, parcelas marginalizadas e mais vulneráveis da cidadania” (ACSELARD, 2004, p. 10).

Os sinais de injustiça ambiental são nítidos em Barcarena na medida em que a mobilidade do capital amplia o comércio mundial de commodities ligados à extração mineral com rebatimentos para intensificação dos problemas de exclusão social e desastres socioambientais que não são incorporados nos preços dos produtos (PORTO e MILANEZ, 2016), muito menos aparecem como indicadores para aferir competitividade e eficiência. Neste sentido, no contexto das demandas que aprofunda o caráter injusto do comércio internacional, a produção econômica envolvendo a crescente demanda por commodities e os arranjos de infraestrutura logística impõem processos industriais que são indiferentes às dinâmicas social e ambiental da região na medida em que as externalidades produzidas são incompatíveis com o metabolismo social e ambiental do ecossistema da Floresta Amazônica (CARVALHO *et al* 2014). Algumas sinalizações desta incompatibilidade podem ser descritas pela: a previsibilidade e recorrência dos vazamentos em razão da ampliação da produção e da demanda instalada; os rejeitos físico-químicos da produção de caulim e de alumínio são impurezas sensíveis ao convívio humano; as bacias de rejeitos localizadas no entorno onde se localizam as

fábricas e comunidades são inadequadas e não suportam a demanda da produção; os solos estão perdendo a fertilização e os frutos e as frutas perdem qualidade, prejudicando a cadeia alimentar, dentre outros.

As agendas dos atores e suas racionalidades apontam de um lado, para as estratégias de mobilidade do capital atentas à crise do mercado internacional que tem levado a volatilidade do preço das commodities de mineração retraindo os processos de comercialização. Este cenário faz com que as empresas respondam com aumento da produção para manter as margens de lucro combinada com a aumento da precarização da mão-de-obra que aumentam significativamente a possibilidade de ocorrência de desastres socioambientais. Esse panorama tem sido interpretado por grupos sociais e comunidades tradicionais que lutam pela defesa de seus direitos à terra e pela preservação do ecossistema da floresta como novos avanços do capital produtivo. O quadro exige um enfrentamento à altura por essa razão a organização política e produção da contra-informação se apresentam como estratégias importantes. Somado a isso, as ações do Ministério Público como: os TAC's (Termos de Ajustamento de Conduta) sofridos pelas empresas; processos de identificação, reconhecimento e titulação das comunidades tradicionais; termo de Compromisso para o monitoramento ambiental são ingredientes importantes neste campo de tensões e desastres. É nesse campo de disputa que as comunidades tradicionais e grupos sociais têm atuado fortemente para garantia de direitos e cidadania.

3. SOFRIMENTO HUMANO, DANOS À SAÚDE AMBIENTAL E RESISTÊNCIA

O processo de alteração do ambiente natural em Barcarena é uma realidade constante desde a instalação de novas formas de produção no município. Há uma multiplicação dos efeitos decorrentes destes processos que são sentidos até hoje. Numa perspectiva socioantropológica destacam-se o sofrimento humano e o estresse emocional, causados pelas rápidas e densas transformações no município, cuja maior tradução é a desestruturação socioeconômica, cultural, ambiental e emocional de comunidades tradicionais e grupos sociais. Sá (1997) aponta a herança dos desequilíbrios como um dos

aspectos de impacto na qualidade de vida e pode-se inferir que também no prolongamento do sofrimento humano, portanto portador de efeitos na análise do quadro de doença. Estar bem, para o autor, corresponde a harmonia do homem com sua história e singularidade, tendo o ambiente como indicador de saúde, qualidade de vida e bem-estar social.

A violência de desequilíbrio é provocador de quadros de adoecimento visíveis e aqueles que em razão de estarem em consonância e adaptação na medida de que já fazem parte do cotidiano, são lentos e parecem invisíveis (SÁ, 1997), no entanto são profundos vazios que marcam a tristeza e a baixa-estima com o novo. O prolongamento do sofrimento revivido na memória social de comunidades tradicionais e grupos sociais são sintomas dos problemas psicossociais que ocorrem, cujas histórias e projetos coletivos foram destituídos, mas são rememorados para resgate, resistência e orientador de práticas e lutas sociais. O luto da perda do território é para sempre como também é a luta para ter dignidade.

Nestes termos, a saúde ambiental de Barcarena está comprometida pela recorrência de desastres socioambientais somado a gravidade dos conflitos ambientais em curso no município. De acordo com a Organização Mundial da Saúde a saúde ambiental incorpora todos os elementos e fatores que potencialmente afetam a saúde, incluindo exposição a fatores específicos como substâncias químicas, elementos biológicos ou situações que interferem no estado psíquico do indivíduo bem como aqueles relacionados com aspectos negativos do desenvolvimento social e econômico dos países (TAMBELLINI & CÂMARA, 1998). Trata-se da relação saúde e meio ambiente tão expressiva e atual. Os estudos provenientes dessa relação têm sido crescente e a literatura de saúde pública sobre a Amazônia tem avançado procurando superar a visão restrita sobre o processo saúde/doença presentes nas especificidades das populações na região. Este avanço é marcado por uma compreensão da saúde/doença em seus contextos natural, social e econômico, cuja linha de estudo privilegia a integração da vida social ao meio ambiente na medida em que este último não fornece apenas os recursos naturais que conformam os habitats, mas corresponde ao próprio lugar, espaço por excelência da

existência social e cultural. Por esse prisma, os estudos somam-se ao caráter histórico e social da saúde, ampliando, significativamente, o conceito de saúde, não se limitando tão somente a ideia reducionista da saúde, isso representa uma compreensão crítica da relação saúde ambiental (MINAYO, 2002).

Tomar a complexidade da saúde ambiental como um dos vetores para entender os efeitos dos desastres socioambientais em Barcarena é lançar de mão de abordagens híbridas e interdisciplinares de análise para compreender os fenômenos sociais decorrentes dos processos de injustiça ambiental, tensões e conflitos territoriais inerentes à realidade social de Barcarena. O meio ambiente como central para vida é a questão-chave para saúde e qualidade de vida. Nessa linha de reflexão, entende-se que a relação dos povos da Amazônia com a natureza é representada por relações complexas, simultâneas e interdependentes. Referem-se aqui noções, códigos e práticas estabelecidas pelas vastas e seculares experiências sociais vividas na região que concretamente consideram o meio ambiente como: fonte de recurso, lugar de trabalho, espaço simbólico com muitas formas de apropriação, território de afeto, espaço dos espíritos sobrenaturais, “espaço de regulação da vida” (Furtado 1997). Todas essas possibilidades ensejam mudanças endógenas geradas pela própria relação social, econômica e ambiental com o espaço, portanto são saberes e conhecimentos forjados na forma de apropriação do território para continuar sendo pertencentes à floresta. Em Barcarena, ainda é possível perceber esse tipo de experiência social de comunidades tradicionais e grupos sociais com o ecossistema, no entanto os desastres socioambientais têm gerado efeitos nefastos e muitas situações de sofrimento.

Embora não se esgotem, os registros sobre as faces do sofrimento humano e seu prolongamento em Barcarena, oriundos dos desastres socioambientais, precisam ser ressignificados para conseguirem descrever e visibilizar a degradação humana que não está apenas no plano fisiológico, biológico que são dimensões visíveis do ser humano, mas estão encravadas nas dimensões socioemocionais e afetivas, pois é neste plano que a dor e o sofrimento se prolongam, configurando-se a produção do sofrimento social (MAGALHÃES, 2007) e constituem-se na memória: “Lembrar é sofrer de novo”

(Sr. Moreira, Comunidade Massarapó-Barcarena, vítima de deslocamento compulsório e com sérios problemas de saúde). Só aqueles que possuem uma relação profunda com o território sabem quão é importante se sentir pertencer a um território e nele se fazer e refazer-se em culturas e territorialidades, uma experiência única e formadora de micro-histórias. São situações simples, forjadas no cotidiano das relações com a natureza, mas com alto grau de complexidade para a formação sociohistórica de grupos socialmente diferenciados. O território é a própria manifestação do ser social, histórico, político e estético. A essência da população da floresta é o território e a sua autonomia e liberdade ativam territorialidades diversas que são construções criativas da relação homem-território, enraizamento que gera pertencimento na história inteira, significação e sentidos próprios, carregados de vida e que constituem a centralidade da formação do ser humano, pois é na relação com o território que homens e mulheres constroem identidades. A desestabilização deste território e da estrutura social, política, econômica, ambiental e emocional construída por populações nativas e comunidades tradicionais produz desastres irreparáveis de todas as ordens. Decifrar a linguagem corporal e valorizar a linguagem não-verbal das vítimas desta violência da injustiça ambiental é reconhecer o prolongamento do sofrimento. Estamos diante de um relato que revela um dos impactos socioambientais vividos no deslocamento compulsório que são recorrentes em Barcarena. O impacto é total e reside no aspecto ontológico da existência humana. Os deslocamentos compulsórios desestruturam grupos de famílias e comunidades com repercussões irreparáveis que se prolonga para uma vida toda. É uma tragédia e cumpre a dinâmica de exclusão socioespacial de expansão do capital produtivo. Somado aos demais impactos recorrentes (poluição dos rios e do ar; desertificação do solo,), há implicações psicossociais em razão da perda das heranças culturais e extinção do território (CARMO, 2010 e HANZEU, 2015).

Não obstante ao quadro social instalado, comunidades tradicionais, grupos sociais e trabalhadores estão organizados politicamente com apoio de grupos de pesquisa da UFPA e vem protagonizando a produção e a comunicação de contra-informação decisivas para denunciar a situação de

desastres recorrentes e seus múltiplos sofrimentos. São ações que vem recompondo o campo político em Barcarena. São projetos que acenam para estratégias de disputa e reapropriação do território, fazendo o enfrentamento aos grandes grupos econômicos instalados no município. O papel crucial da contra-informação em suas lutas como uma das estratégias de subversão à ordem do projeto hegemônico é central para dá visibilidade aos problemas sociais vigentes no município, especialmente àqueles ligados à saúde ambiental. Em que pese às contradições, dificuldades e indiossincrasias dos movimentos sociais, aposta-se na responsabilidade histórica desses atores na contemporânea dinâmica social em Barcarena.

Os investimentos privados e públicos em infraestrutura (transporte e energia), previsto para os próximos anos no município, encontram-se também em áreas de mineração ou a elas correlata a que presume a continuação de ações promotoras de desequilíbrios internos de ordem socioambiental e cultural, caracterizados tanto pela consolidação de áreas dinâmicas e competitivas em escala global – com grande contribuição para a posição do país nas exportações - quanto pela constatação de áreas impactadas com crescentes desequilíbrios socioeconômico e ambiental, marcadamente vividos por comunidades tradicionais e grupos sociais em condições de exclusão socioespacial. Em Barcarena, esses investimentos estão concentrados em excelência na produção, portos, ferrovias e transporte de soja. Isso revela o caráter de continuidade da política de produção mineral e de infra-estrutura logística, o que corrobora com a noção da perspectiva de novos desastres e conflitos com as comunidades. Atentos a essa dinâmica, os movimentos organizados vem se agregando em fóruns, oficinas, reunião de trabalho para gestar novas estratégias. São movimentos ligados à reivindicação quilombola, às reivindicações sindicais e às negociações por indenizações justas. Atualmente, suas lutas são: reconhecimento do território, denuncia dos desastres ambientais, ter visibilidade no plano diretor do município e respeito pela sua história e memória social. A mobilização social e o caráter político dos movimentos tem forjado novas agendas de debates e recomposto o campo de disputa no território móvel de Barcarena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expansão do capital produtivo na Amazônia se insere na dinâmica de aumento da produtividade e competitividade do capital e de suas redes ampliadas de comercialização e produção. No âmbito estratégico, a sofisticação dos processos de extração mineral e de commodities agropecuária aliada à ampliação dos equipamentos de infraestrutura logística seja para cadeia de produção são demonstrações de novos espaços de atividade econômica com grandes estratégias territoriais. Em todos os casos têm-se a reprimarização da economia. Ou seja, a extração de recursos do território e a sua utilização como entreposto logístico são formas reatualizadas do uso do território pelo mercado na medida em que sugere novas demandas em mobilidade do capital. Todos esses processos destituíram e instituíram processos sociais na Amazônia Oriental, em especial no município de Barcarena, que até hoje são perceptíveis no município, imprimindo uma nova paisagem socioeconômica revelada por mudanças nas relações comerciais e produtivas ligadas à lógica do capital, mas ainda permanece viva nas memórias sociais e afetivas a organização social e as formas de viver no ecossistema amazônico, cuja identidade e história social são combustíveis para as lutas travadas por comunidades e grupos sociais para continuarem (re)existindo em seus espaços e poderem usufruir de suas territorialidades estabelecidas por saberes e práticas intergeracionais.

Na perspectiva da geopolítica do espaço, os planos nacionais de desenvolvimento que têm desdobramentos em Barcarena e os recorrentes planos de crescimento econômicos territorializados pelas empresas mineradoras e de infraestrutura logística continuam a representar novas alterações na região e, ao mesmo tempo, o descaso com as populações locais, reatualizando processos de inexistência e invisibilização de comunidades e negação de direitos, portanto a produção da indiferença (injustiça ambiental) como estratégia para negar as suas existências (racismo ambiental) e aos direitos à vida e saúde dignas. Neste caso, evidencia-se que as concepções de território são também campos de disputa, pois nessas concepções travam-se batalhas de estratégias e formas de assimilação a medida que precisam que

seus valores e códigos sejam conhecidos e aceitos para que a disputa não se limite a cessão de direitos, mas que avancem no sentido da ampliação do debate, discutindo agendas de atuação, elementos que sejam comuns e diversos e, ao mesmo tempo específico para cada linha de interesse em jogo.

Diante de tantas perdas e sofrimento, vem também sendo tecidas, desde sempre, redes de resistências processo em construção e com avanços localizados e dificuldades diante do enfrentamento político e recompondo a cena social no território. São movimentos socioterritoriais de denúncia da insustentabilidade, de destituição de agendas cunhadas em racionalidades que matam e constituição de outras possibilidades de viver e ser da floresta. Trata-se de respostas aos ainda intensos processos de invisibilização e a produção da inexistência de comunidades tradicionais (estratégias de dominação do vazio demográfico e cultural) em que os movimentos organizados dedicam-se a identificar os pontos centrais e estabelecer estratégias políticas a partir dos temas direito ao território e defesa intransigente da floresta como garantia de vida e saúde ambiental. A constituição de frentes ampliadas de debate sobre os desastres da mineração também contam com apoio de entidades de atuação nacional como o Movimento Nacional dos Atingidos por Barragens e IBASE.

O surgimento de novas resistências, mesmo sem um comendo direto, acena para diferentes mobilizações em tempos de embates jurídicos e d informação. Há dificuldades postas e a compreensão da complexidade social e econômica vivida em Barcarena é um delas, fazendo com que os focos de resistência tenham, em alguns casos, percepções díspares, especialmente quando se trata de indenização. De todo modo, há uma posição central que aponta para o rastro de destruição que inabilita a continuidade de processos de mineração no município, ao mesmo tempo, que ativa a vitalidade do novo nas formas e conteúdos de lutas, sinal que projetos alternativos continuam vivos e as utopias renovadas aglutinação atores ávidos por mudança social no município.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. **As práticas espaciais e o campo dos conflitos ambientais. Em Conflitos Ambientais no Brasil.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

AUGUSTO, L. G. S. Saúde e Ambiente. In: BRASIL. **Contribuições para a agenda de prioridades de pesquisa.** Brasília: Ministério da Saúde, 2004. 306p.

BARAT, Josef. **Logística e transporte no processo de globalização:** Oportunidade para o Brasil. São Paulo, Editora UNESP e Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais – IEI, 2008, 255 p.

BECKER, B. K **Geopolítica da Amazônia.** Estudos Avançados, v. 19, n. 53, p. 71-86. São Paulo, 2005.

BUSS, P. M; FILHO, A. P. A Saúde e seus Determinantes SociaisPHYSIS: **Rev. Saúde Coletiva,** Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 77-93, 2007.

CAMPOS, G. W. S. Saúde Pública e saúde coletiva: campo e núcleo de saberes e práticas. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva,** Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 219-230, 2000.

CARMO, Eunápio Dutra do; CASTRO, Edna M.; PATRÍCIO, Júlio Cezar dos S. Mineração e neo-extrativismo de commodities e conflitos. Belém, **Novos Cadernos NAEA. NAEA/UFPA.** v. 18, n. 3. p. 51- 72, set-dez. 2015.

CARMO, Eunápio Dutra. **O Território Educa e Politiza na(s) Amazônia(s):** os processos socioculturais da Comunidade Nova Vida e as Dinâmicas de Expansão Industrial em Barcarena. Rio de Janeiro: Tese (doutorado) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2010.

CARMO, Eunápio Dutra do. **Gestão do trabalho na indústria de alumínio Albras:** noção de qualidade e seus interlocutores. Belém: Naea/UFPA, 2000.

CARVALHO, J. R. M.; CARVALHO, E. K. M. A.; CURI, W. F.; CÂNDIDO, G. A. Metodologia para avaliar a saúde ambiental: uma aplicação em municípios empregando a análise multicriterial. **Saúde Sociedade,** São Paulo, v.23, n.1. p. 204-215, 2014.

CASTRO, Edna. Estado e políticas públicas na Amazônia em face da Globalização e da Integração de Mercados. In: COELHO, Maria Célia Nunes et al.**Estado e políticas públicas na Amazônia:** gestão do desenvolvimento regional. Belém: CEJUP: UFPA/NAEA, 2001, p. 7-32

FIRKOWSKI, Olga Lúcia Castreghini; SPOSITO, Eliseu Savério (Org.). **Indústria, ordenamento do território e transportes:** a contribuição de André Fischer. Editora Expressão Popular, 2008, 160 p.

FREITAS, Carlos Machado de; SILVA, Mariano Andrade da e MENEZES, Fernanda Carvalho de. **O desastre na barragem de mineração da Samarco:** fratura exposta dos limites do Brasil na redução de risco de desastres. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 05 de dezembro . 2016.

FURTADO Lourdes G. Problemas ambientais e pesca tradicional na qualidade de vida da Amazônia. In: FURTADO, Lourdes G. (Org.). **Amazônia:** desenvolvimento, sócio-diversidade e qualidade de vida. Belém: UFPA/NUMA, 1997. (Universidade e Meio Ambiente, n. 9).

GUDYNAS, E. O novo extrativismo progressista na América do Sul: teses sobre um velho problema sob novas expressões. In: LÉNA, P.; PINHEIRO DO NASCIMENTO, E. **Enfrentando os limites do crescimento. Sustentabilidade, decrescimento e prosperidade**. Rio de Janeiro: Garamond; IRD, 2012. p.303-318.

HAZEU, M. **O não-lugar do outro**: sistemas migratórios e transformações sociais em Barcarena. 2015. 337f. Tese (Doutorado em desenvolvimento sustentável) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém, 2015.

MAGALHÃES, Sonia Barbosa. **Lamento e Dor** - . Uma análise sócio-antropológica do deslocamento compulsório provocado pela construção de barragens. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais); Universidade Federal do Pará, Belém, 2007

MILANEZ, Bruno e SANTOS, Rodrigo S. P. dos. Neodesenvolvimentismo e neoextrativismo: duas faces da mesma moeda? In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 37., 2013

MINAYO, M. C. S. Enfoque ecossistêmico de saúde e qualidade de vida. In: MINAYO, M. C. S.; MIRANDA, A. C. (orgs). **Saúde e ambiente sustentável**: estreitando nós. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

NOGUEIRA, Ricardo J. B. **Amazonas**: um Estado Ribeirinho. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

RIGOTTO, R. M.; AUGUSTO, L. G. S. Saúde e ambiente no Brasil: desenvolvimento, território e iniquidade social. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 23 Sup 4: S475-S501, 2007.

PORTO, Marcelo F.; MILANEZ, Bruno. **Eixos de desenvolvimento econômico e geração de conflitos socioambientais no Brasil**: desafios para a sustentabilidade e a justiça ambiental,2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 16 abril 2016.

PORTO, Marcelo F. **A tragédia da mineração e do desenvolvimento no Brasil**: desafios para a saúde coletiva. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 20 de maio . 2016.

SÁ, M. Amorin de. Saúde e Qualidade de Vida na Amazônia. In: FURTADO, Lourdes G. (Org.). **Amazônia**: desenvolvimento, sócio-diversidade e qualidade de vida. Belém: UFPA/NUMA, 1997. (Universidade e Meio Ambiente, n. 9).

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura. **Território**: Globalização e Fragmentação. São Paulo, 1996.

TAMBELLINI, A. T.; CÂMARA, V. M. A temática saúde e ambiente no processo de desenvolvimento do campo da saúde coletiva: aspectos históricos, conceituais e metodológicos. Ver. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 3 (2): 47-59, 1998.

VALOR ECONÔMICO, 2013. **Valor, Estados PARÁ**: Mineração lidera a economia.

VIANA, R. L.; FREITAS, C. M.; GIATTI, L. L. Saúde ambiental e desenvolvimento na Amazônia Legal: indicadores socioeconômicos, ambientais e sanitários, desafios e perspectivas. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.25, n.1, p. 223-246, 2015.

VIEIRA, E. F., VIEIRA, M. M. F. Geoestratégias dos espaços econômicos: poder global, poder local e gestão do território. In: CONGRESSO LUSO AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., 2004. **Anais...** Coimbra, 2004.